

MARCAS DE SUBJETIVIDADE EM ENUNCIADOS RESSOANTES EM PORTUGUÊS

Maria Elizabeth Fonseca SARAIVA¹

- RESUMO: Este trabalho tem por objetivo investigar a hipótese de que há uma correlação entre o baixo grau de transitividade de enunciados em que se instaura a ressonância na conversação espontânea em português e a expressão da subjetividade dos participantes do discurso. Para isso, norteiam a pesquisa os princípios da abordagem funcionalista em seu modelo norte-americano e, de um modo especial, os conceitos de *graus de transitividade* (HOPPER; THOMPSON, 1980) e de *ressonância* (DU BOIS, 2001).
- PALAVRAS-CHAVE: Ressonância; subjetividade; graus de transitividade.

Considerações iniciais

A abordagem funcionalista dos estudos linguísticos tem como uma de suas premissas a necessidade de se analisar a gramática tal como se manifesta nos enunciados efetivamente produzidos pelos falantes em diferentes situações de comunicação. Ganham destaque, nesta perspectiva, os vários pontos de interseção entre **discurso** e **gramática**. Como bem adverte Du Bois (2003), embora cada um desses domínios tenha suas especificidades, se realmente quisermos compreender como a linguagem funciona, precisaremos abordá-la de diferentes ângulos, englobando gramática e discurso num único campo de investigação. Há inúmeras generalizações, tendências sistemáticas que só podem ser captadas se se fizer um estudo da gramática na língua em uso, pois são tendências ao mesmo tempo de caráter gramatical e pragmático-discursivo. Nas palavras do autor, “grammar and discourse interact with and influence each other in profound ways at all levels, so that in real life neither can even be accessed, not to mention explained, without reference to the other” (DU BOIS, 2003, p.49).

Dentre os modelos teóricos que assumem essa posição, para o presente trabalho, ganha relevância a **Sintaxe Dialógica**, modelo ainda em elaboração,

¹ UFMG – Faculdade de Letras – 31270-901 – Belo Horizonte – MG – Brasil. Endereço eletrônico: bethsaraiva@uol.com.br

que se propõe como um ramo da sintaxe convencional, intra-sentencial, e não como um substituto para ela.

A **Sintaxe Dialógica**, como a própria denominação sugere, procura investigar relações formais que ultrapassam os limites da linearidade e da hierarquização de constituintes em enunciados proferidos por um mesmo falante. Seu principal objeto de estudo são as **ressonâncias**, relações de mapeamento léxico-estrutural que se dão entre enunciados de interlocutores diferentes em situação de interação dialógica. Como salientado por Du Bois (2001), na conversa espontânea, face-a-face, podem-se observar momentos de maior envolvimento entre os interlocutores, “picos de calor” da interação, que se revelam, iconicamente, por meio das formas escolhidas pelos participantes do discurso. Ou seja: um dos locutores reutiliza, em seu enunciado, recursos lingüísticos (padrões, estruturas, itens léxicos etc.) que acabaram de ser usados por seu interlocutor, com variações ou não, visando a obter diferentes efeitos de sentido: concordar, discordar, ironizar, criar humor, revelar que está acompanhando a conversa etc. Considere-se, por exemplo, o seguinte dado:

(1) (Os participantes da interação estão na cozinha, preparando uma refeição.)²

L2: sabe/sabe que que cê não pode fazer numa faca?

(...)³

isso aqui... **pra saber se ela táafiada...**

L1: **essa faca tá bem desafiada né?...**

quer dizer... tá bem não amolada...

L3: **desafiada...** ((rindo))

Em (1), L1 cria uma situação de humor, apreciada por L3, com base no enunciado de L2.

Desse modo, a **ressonância** é o processo de ativação local de afinidades potenciais, nas diversas dimensões da forma e do significado, entre enunciados proferidos por falantes distintos no uso dialógico da língua. Por definição, só se manifesta no encontro entre dois ou mais parceiros de diálogo. A correspondência de padrões observada (as relações de mapeamento) não pode ser considerada imitação: é consequência do alto grau de envolvimento dos participantes engajados na conversa – aquele que produz o enunciado **matriz** (M) e aquele que o **ressoa** (R).

² Os dados deste texto são retirados de conversações espontâneas que fazem parte do acervo do Grupo de Estudos Funcionalistas da Linguagem – GREF (CNPq), por mim coordenado. As ressonâncias, em negrito, foram detectadas por Beatriz Augusto da Matta para sua pesquisa de Mestrado, por mim orientada. Nos exemplos, são destacadas apenas as relevantes para a ilustração.

³ Uso a convenção (...) para indicar trechos omitidos, que não são relevantes para a ilustração.

Neste texto, retomo a análise de conjuntos de enunciados em que se instaura a ressonância (ER) na conversação espontânea em português, visando a investigar a adequação ou não da hipótese aventada em Saraiva (2006): a tendência dos enunciados ressoantes (M+R) a portarem baixo grau de transitividade é um reflexo da subjetividade no uso diário da língua.

Para tanto, faz-se necessário, na próxima seção, destacar alguns resultados obtidos no referido artigo.

Ressonância e graus de transitividade

No texto de Saraiva (2006), procurando-se captar generalizações gramaticais nos mapeamentos transentenciais efetuados por falantes do português, analisou-se um trecho de conversação espontânea no qual foram detectadas 169 unidades semântico-entoacionais (USEs) ressoantes. A noção de **unidade semântico-entoacional** (USE), proposta por Matta (2005), conjuga a idéia de unidade entoacional, ou seja, um segmento de fala que se realiza em um único e coerente contorno entoacional, e que pode ser identificado por uma série de pistas prosódicas específicas (dentre as quais DU BOIS (2001) destaca a pausa inicial e o alongamento final) e a noção de unidade informacional. Conforme destaca Matta (2005, p.68-69), Chafe (1980) entende por **unidades informacionais** os “jatos de fala” que expressam “toda a informação que pode ser manipulada pelo falante num único foco de “consciousness”. Isso significa que há um limite quanto à quantidade de informação que a atenção do falante pode focalizar de uma única vez”. Logo, cada unidade verbaliza a informação ativada num dado momento.

As USEs conjugam, pois, entoação e sentido e constituem um critério de segmentação textual adequado aos objetivos da pesquisa que focaliza a interação dialógica e, especialmente, as ressonâncias que emergem nessa interação.

Todavia, como a meta do referido artigo foi analisar o grau de transitividade dos enunciados ressoantes, de acordo com os parâmetros apresentados em Hopper e Thompson (1980) e reavaliados no texto de 2001 desses mesmos autores, procurou-se identificar as orações presentes naquelas 169 USEs.⁴ Obteve-se um total de 203 casos. Distribuindo-os, num primeiro momento, segundo a metodologia de Thompson e Hopper (2001), em orações com dois ou mais participantes e orações com um (ou nenhum) participante, chegou-se ao seguinte resultado:

⁴ Isso se deve ao fato de que há USEs não-oracionais assim como há algumas complexas, com mais de uma oração.

(2) **Total de orações analisadas em enunciados ressoantes: 203**

- Orações com 2 participantes: 41 (20%)
- Orações com 1 (ou nenhum) participante: 162 (80%)

O passo seguinte consistiu em analisar as orações de cada um desses grupos com base nos demais traços propostos pelos referidos lingüistas, verificando seu grau de transitividade. Os resultados foram estes:

(3) **Orações com 2 participantes:**

- revelando alta transitividade: 24 (59%)
- revelando baixa transitividade: 17 (41%)

Orações com 1 (ou nenhum) participante:

- revelando alta transitividade: 9 (6%)
- revelando baixa transitividade: 153 (94%)

Computando o total de dados analisados, foi possível captar uma forte tendência gramatical dos enunciados em que se instaura a ressonância no que se refere ao seu grau de transitividade, conforme registrado abaixo:⁵

- (4) ▪ **Total de orações portando alto grau de transitividade:** 33 (16%)
▪ **Total de orações portando baixo grau de transitividade:** 170 (84%)

Assim, a análise empreendida revelou que os enunciados ressoantes tendem a apresentar baixo grau de transitividade, conforme a concepção de transitividade defendida pelos autores citados.

A seguir, procuro examinar a possível correlação entre esses resultados e a manifestação da **subjetividade** no uso diário da língua.

Recursos lingüísticos de expressão da subjetividade nos enunciados ressoantes

Em Thompson e Hopper (2001), aventa-se a hipótese, endossada por Saraiva (2006) com relação aos enunciados ressoantes, de que o baixo grau de transitividade dos enunciados da conversação espontânea (CE) seria um reflexo do que, enquanto falantes, estamos fazendo quando conversamos com amigos e conhecidos. Nesse contexto, não é foco principal de interesse falar objetivamente de acontecimentos e ações, mas sim apresentar a maneira de ser e de se ver o mundo. Interessa revelar sentimentos e emoções, valores e pontos-de-vista, descrever estados, avaliar pessoas, comportamentos e situações, checando as

⁵ Para maior detalhamento desta análise, consulte-se Saraiva (2006).

perspectivas entre os parceiros de diálogo. Em outras palavras: o baixo grau de transitividade da CE em geral e, de um modo especial, dos enunciados ressoantes, cuja proeminência discursiva se manifesta nos mapeamentos transsentenciais de itens léxicos e padrões gramaticais, é um reflexo da **subjatividade** no uso da língua.

Assim, com base em Thompson e Hopper (2001) e Traugott (1989), dentre muitos outros autores, entende-se por **subjatividade**, neste texto, o uso que o falante faz dos recursos que as línguas naturais lhe apresentam para se manifestar enquanto “sujeito”, para manifestar suas crenças e atitudes.

Para investigar a adequação, ou não, da hipótese sugerida, foram examinados os conjuntos de enunciados em que a ressonância se fez presente num trecho de CE em português, averiguando a presença ou não de marcas lingüísticas de subjatividade em tais enunciados. O texto em questão é uma conversa entre um casal de namorados e um amigo do casal e faz parte do acervo do GREF. Consta de 626 USEs, das quais 159 (25,4%) são ressoantes.⁶

Identificados os casos de USEs ressoantes, procurou-se listar os recursos de que os participantes dessa interação se valeram para a expressão da subjatividade. Foram detectadas as **marcas de subjatividade** arroladas a seguir:

a) – 37 ocorrências da 1ª pessoa (do singular ou plural), expressa quer pela flexão verbal quer pelo uso de pronomes nominativo, acusativo, dativo, possessivo e pela forma “a gente” referindo-se à primeira pessoa do plural. Verifique-se o exemplo abaixo:

(5) (Os participantes estão conversando sobre a presença de formigas na casa de um deles.)

L1: **porque cê é doce né C. ...**⁷

L3: **não é não...**

Porque sua casa é cheia de formiga mesmo...

L1: **então porque eu sou doce..**

L3: **AH é doci:::nhô...**

b) – 35 casos de adjetivos de cunho avaliativo/subjetivo no sentido de Maingueneau (1986) (quer com função atributiva quer com função predicativa – dentre os quais se incluem os “adjetivos soltos”, de acordo com D’Araujo (2005) e um caso de SN predicativo da mesma natureza. Examinem-se, respectivamente, os exemplos (6) e (7):

⁶ Cf. nota 2. Também a divisão do texto em USEs foi realizada por Beatriz da Matta, para sua dissertação de Mestrado, defendida na UFMG, em 2005.

⁷ Para garantir o sigilo, nas transcrições apenas a primeira letra referente ao nome dos participantes do diálogo foi mantida.

- (6) (Conversa sobre comida.)
 L3: Charuto...
 Tem um tempão que eu não comia.
 L1: **é ótimo né?**
 L3: **nhm... maravilhoso...**
- (7) (O assunto é um amplificador danificado.)
 L2: estragou MESMO?
 L1: **não... deve ter queimado o canal...**
 L2: **pode ter queimado o fusível...**
 (...)
se queimou o fusível cara... é a maior moleza...

c) – 24 usos de verbos plenos que descrevem situações internas (avaliativas, cognitivas, perceptuais etc.) dos participantes do discurso e um caso de verbo de ato de fala (incluído por Traugott (1989) entre os que descrevem situações subjetivas), respectivamente ilustrados em (8) e (9):

- (8) (Um locutor oferece a outro uma iguaria.)
 L1: **quer?**
 L2: deixa eu pegar a faca...
 L3: **quero**
 (...)
 L1: **quer mesmo moela?**
- (9) (Os participantes da conversa discorrem sobre a situação de pessoas bêbadas que trocam fonemas na fala.)
 L2: cê tá gravando essa cadeira arre E//arrastando... arrEstando?
 L3: arre::stando... ((rindo))
 (...)
 L3: quando a gente bebe muito assim... ah é mais difícil né?
 L2: **num é que a gente confunde?** ((risos))
 L3: **a gente confunde ma::is ainda...**
 L2: **é realmente eu confesso pra vocês que hoje eu estou confundindo o a com o e mAis do que nos dias comuns...**
 L3: **eu confesso...** ((risos))

d) – 16 casos de uso de fragmentos epistêmicos/evidenciais/avaliativos (na acepção de Thompson (2002)) ou expressões cristalizadas (frases feitas) de cunho avaliativo, como vêm exemplificados em (10) e (11), respectivamente:

- (10) (Conversa sobre roupa.)
 L3: Black Power é anos 70...
 (...)
 Calça largona de BOLso...
Tem que ser hightech assim... eu acho...
 L2: **não é high não mas é tech...**

- (11) (Conversa sobre roupa.)
L2: mas será que combina?
eu acho que não né?
L3: **ah não... nada a ver...**
L2: **nada a ver...**

e) – 14 ocorrências de advérbios que refletem apreciação subjetiva do falante, dentre os quais ganham destaque os de intensidade cuja gradação depende de avaliação desse. Observem-se os diálogos (12) e (13):

- (12) L2: **por que que seu CD estragou?**
L1: **eu acho que o ... o... amplificador que estragou...**
(...)
L2: **estragou MESMO?**

- (13) L2: sabe/sabe que que ce não pode fazer numa faca?
(...)
isso aqui... **pra saber se ela tá afiada...**
(...)
L1: **essa faca tá bem desafiada né? ...**
Quer dizer... tá bem não amolada...
L3: **desafiada...** ((rindo))

f) – cinco dados com modais epistêmicos, conforme ilustrado em (7) acima e ainda no trecho abaixo sobre o mesmo assunto:

- (14) (Indagações sobre o problema com um amplificador estragado.)
L2: **pode ter queimado o fusível...**
L1: **o fusível...**
eu acho que deve ser isso...

g) – um caso de imperativo expressando convite/sugestão:

- (15) L2: eu vou dar uma descansada... eu vou tomar um chá aqui com vocês e vou embora...
L3: **dorme aí sô!**... ((risos))
(...)
L2: **não... não vou dormir não ca::ra...**

h) – 1 ocorrência de vocativo manifestando afetividade:

- (16) L1: **cê quer chá frio ou chá quente?**
L2: **chá frio mesmo P...**
(...)
L3: **tem chá frio amor?**
L1: **tem...**

Observando a distribuição das 135 ocorrências de marca de subjetividade no *corpus* analisado, ganham maior evidência o recurso do uso da 1ª pessoa, responsável por 27,4% dos casos detectados, e o uso de adjetivos (e SN predicativo) de cunho avaliativo/subjetivo, que cobre 26,7% do total. Em seguida, com 18,6% das ocorrências, vêm os casos de verbos plenos que denotam disposições ou operações de natureza interna, aí incluído o exemplo de verbo *dicendi*. Ainda: somando-se os recursos de modalização que sinalizam valor epistêmico/avaliativo, apresentados em (d) e (f), obtém-se um percentual de 15,6%. O uso de advérbios que se prestam à manifestação do ponto de vista do falante cobre 10,4% dos recursos observados. Os demais casos, pouco significativos, apresentam um percentual ínfimo: 1,3%.

Todavia, o mais relevante para os objetivos deste texto é a constatação de que, das 159 USEs ressoantes, apenas 42 (26,4%) não apresentaram alguma marca de subjetividade, descrevendo estado-de-coisas ou situação objetiva, como se verifica abaixo:

- (17) L1: **que horas é a aula?**
L3: **nove horas...**
L1: **nove a meio dia?**
L2: **aula de inglês?**
L3: **é...**

Nas demais 117 USEs (73,5%), as crenças, julgamentos, apreciações, atitudes e estados subjetivos do falante se materializaram lingüisticamente por meio dos vários recursos detectados.

É digno de nota, por fim, que em muitos dos enunciados ressoantes foi observada a concomitância de mais de uma marca de subjetividade, como pode ser ilustrado pelo exemplo (9) acima.

Observações finais

A análise empreendida no presente trabalho forneceu evidência a favor da hipótese, aventada em Saraiva (2006), de que haveria motivação de natureza comunicativa para o fato gramatical observado nos enunciados ressoantes na conversação espontânea em português, ou seja, sua tendência a portarem baixo grau de transitividade.

Considerando um dos princípios caros aos vários modelos de cunho funcionalista, o princípio de que a gramática responde, em grande medida, a funções de natureza comunicativa ou cognitiva, os resultados desta pesquisa comprovaram que o baixo grau de transitividade dos enunciados ressoantes,

anteriormente detectado pelo estudo de Saraiva (2006), é reflexo do que os falantes “estão fazendo” na interação dialógica. Nos momentos em que a ressonância se instaura, os falantes estão preferencialmente ocupados em se manifestarem enquanto “sujeitos”, posicionando-se a respeito de situações, comportamentos e pessoas, expressando suas crenças e emoções. Enfim, a **subjetividade**, tal como entendida por Traugott (1989) e Thompson e Hopper (2001) se manifesta de modo mais denso e transparente, por meio das várias marcas linguísticas examinadas, nos momentos em que os locutores constroem seus enunciados ressoando os de seu(s) parceiro(s) de diálogo.

SARAIVA, M. E. F. The expression of subjectivity in resonant utterances in Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.52, n.1, p.157-166, 2008.

- *ABSTRACT: This paper aims at examining a possible relationship between low degree of transitivity and the expression of subjectivity in resonant utterances in Portuguese. The analysis is guided by principles from the North American Functionalism, mainly by the concepts of degree of transitivity (HOPPER; THOMPSON, 1980) and resonance (DU BOIS, 2001).*
- *KEYWORDS: Resonance; subjectivity; degrees of transitivity.*

Referências

CHAFE, Wallace L. The deployment of consciousness in the production of a narrative. In: _____. (Ed.). *The pear stories: cognitive, cultural and linguistic aspects of narrative production*. Norwood: Ablex, 1980. p.9-49.

D'ARAUJO, L. C. F. O adjetivo no discurso narrativo oral do português. In: SARAIVA, M. E. F.; MARINHO, J. H. C. *Estudos da língua em uso: relações inter e intra-sentenciais*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2005.

DU BOIS, J. W. Towards a dialogic syntax. Santa Barbara: LSA, 2001. Inédito.

_____. Discourse and grammar. In: TOMASELLO, M. (Ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Mahwah: Laurence Erlbaum, 2003. v. 2.

HOPPER, P.; THOMPSON, S. Transitivity in grammar and discourse. *Language*, Washington, v.56, n.2, p.252-299, 1980.

MAINGUENEAU, D. *Éléments de linguistique pour le texte littéraire*. Paris: Bordas, 1986.

MATTA, B. A. da. *Ressonâncias léxico-estruturais no discurso conversacional em português*. 297 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2005.

SARAIVA, M. E. F. Ressonância e graus de transitividade na conversação espontânea em português. *Gragoatá*, Niterói, v.21, p.191-200, 2. sem., 2006.

THOMPSON, S.; HOPPER, P. Transitivity clause structure and argument structure: evidence from conversation. In: BYBEE, J.; HOPPER, P. (Ed.). *Frequency and the emergence of linguistic structure*. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

THOMPSON, S. 'Object complements' and conversation: towards a realistic account. *Studies in Language*, Amsterdam, v.26, n.1, p.125-163, 2002.

TRAUGOTT, E. C. On the rise of epistemic meanings in English: An example of subjectification in semantic change. *Language*, Washington, v.65, n.1, p.33-65, 1989.

Recebido em outubro de 2007

Aprovado em janeiro de 2008